

MIGUEL GONÇALVES MENDES

*JOSÉ E PILAR*  
*Conversas inéditas*



COMPANHIA DAS LETRAS

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*  
Alceu Nunes

*Imagem de capa*  
© Stills do filme *José e Pilar*,  
de Miguel Gonçalves Mendes,  
direção de fotografia de Daniel Neves

*Tradução das falas de Pilar em espanhol*  
Rosa Freire d'Aguiar

*Preparação*  
Márcia Copola

*Revisão*  
Huendel Viana  
Arlete Zebber

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Mendes, Miguel Gonçalves  
José e Pilar : conversas inéditas / Miguel Gonçalves  
Mendes [tradução das falas de Pilar em espanhol Rosa Freire  
d'Aguiar] — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras,  
2012.

ISBN 978-85-359-2152-6

1. Del Río, Pilar 2. Escritores portugueses - Entrevistas  
3. Saramago, José, 1922-2010 4. Saramago, José, 1922-2010  
- Entrevistas I. Título.

12-08108

CDD-869.8

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Saramago : Reflexões pessoais : Entrevistas 869 8

---

2012

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

## SUMÁRIO

Prefácio — Diálogo,  
por Valter Hugo Mãe, 9

### SOBRE OS SONHOS

“O milagre é que isto funcione”, 15

O sonho do triângulo *take 1*, 16

O sonho do triângulo *take 3*, 18

O sonho do rio, 20

Sobre os sonhos, 21

### JOSÉ

A famosa história do *Diário de Notícias*, 25

### PILAR

Quixote, Franco e a bandeira da Espanha, 31

### JOSÉ

Os nossos pés a marcar o destino, 41

### PILAR

Cheira a tomilho, talvez seja a vida, 51

JOSÉ

O grande acontecimento da minha vida, 69

PILAR

Creio que se vive de amor, 89

JOSÉ

A casa, a ilha, os limites do universo, 107

PILAR

A Terra é uma, 125

JOSÉ

Uma simples frase dita que desse a volta ao mundo, 143

PILAR

Força para lutar, que é o maior privilégio, 159

JOSÉ

As intermitências da morte, 175

PILAR

Um copo que se esvazia, 187

Bilhete de identidade, 197

Créditos fotográficos, 199

Agradecimentos, 201

# *SOBRE OS SONHOS*

O milagre é que isto funcione. Que o corpo, qualquer corpo vivo, uma árvore... não vamos agora pensar que é simples.

É claro que vêm as enfermidades, vêm as doenças, que umas vezes se resolvem e outras vezes não, é até à última. Que, enfim, essa nunca se resolve.

Um corpo com saúde funciona como um motor de um carro que hoje em dia praticamente também não se ouve. Tudo é silencioso. Estranho seria que não parasse.

Para voltarmos ao automóvel, também se pode dizer que é estranho que ele não pare, que se lhe mete dentro uma coisa chamada gasolina, que anda a uma velocidade extraordinária, até que um dia para. Algo se rompeu, algo se quebrou, algo se avariou. Os materiais avariaram-se. É o chamado cansaço dos materiais, quando não é outro tipo de avaria...

E nós somos uma máquina, que funciona bem durante um tempo, que depois começa a funcionar menos bem, e chega sempre o dia em que deixa de funcionar.

Imagina se não fosse assim.

## O SONHO DO TRIÂNGULO TAKE 1

Quando era garoto, tinha sonhos recorrentes. Um que todos nós tivemos, de poder voar, isso aí não há exceção. E tinha um peso de que, aliás, falo em *Todos os nomes*. Sonhei isto uma quantidade de vezes: era um espaço fechado, sem portas nem janelas, com uma forma triangular, e num dos cantos dessa forma triangular havia qualquer coisa que eu nunca soube o que era, e essa qualquer coisa que podia parecer um pouco de água no chão ou uma pedra (mas que ao mesmo tempo era tudo isto mas nada disto) começava a crescer. Começava a crescer e havia uma música que também nunca consegui fixar, e aquilo ia crescendo, crescendo, crescendo, e eu não podia... estava fechado ali, não podia escapar.

E aquilo crescia, crescia, e ia se aproximando, aproximando, aproximando, e já quase sufocado, enfim, acordava.

Eu já sabia quando ia para a cama que me ia encontrar no tal triângulo.

Isto durou até à adolescência, dezessete ou dezoito anos, depois desapareceu.

Depois desapareceu.

*Que música era?*

Era clássica... era uma música que soava... sempre a mesma. Mas que não posso decifrar. Tinha que ver com o crescimento ou... eu sei lá.



## *O SONHO DO TRIÂNGULO TAKE 3*

Além daquele sonho recorrente que todos temos, ou que todos tivemos e que é voar — que não era só um desejo, era de fato algo que podíamos fazer... e subíamos e baixávamos com os braços abertos —, eu tinha também um outro sonho que mais rigorosamente se devia chamar pesadelo, recorrente também, e que era do mais angustiante que... Era invariavelmente este: eu encontrava-me num espaço fechado, sem portas nem janelas, num espaço triangular, e eu estava num dos vértices desse triângulo, num canto. No outro lado, à distância, via qualquer coisa no chão e essa qualquer coisa que eu não poderia dizer exatamente o que era... porque às vezes me parecia água, qualquer coisa que num certo momento começava a inchar, a ocupar mais espaço... E havia uma espécie de música de fundo, que era sempre a mesma, e de que eu não consigo recordar nem uma nota, que acompanhava o que se ia passar. E o que se ia passar era simplesmente isto: eu, nesse canto do triângulo, e essa massa, que depois já não era qualquer coisa simplesmente no chão, era uma massa compacta não sei de quê, que se ia aproximando, aproximando, aproximando e que quando chegava a mim (com essa música obsessiva), de repente, eu acordava assustado.

Mas com o tempo e com a repetição desse sonho eu acabei por saber que não ia acontecer nada e quando o sonho começava eu já nem me importava muito, porque sabia como ia acabar. Portanto o que podia ser um pesadelo insuportável acabou por se transformar afinal numa espécie de jogo.

Ver o que é que acontece...

## *O SONHO DO RIO*

Agora o sonho mais extraordinário que eu tive em toda a minha vida... em toda a minha vida, e tive-o não sei que idade tinha, vinte e tal anos ou à volta disso, era de um rio. Não era um rio com um grande caudal, era, enfim, um riacho.

O fundo, o leito do riacho, era constituído por pedras pequeninas brancas e água transparente, do mais transparente... a água a que nós chamamos cristalina.

Naquilo a que podemos chamar as margens, um campo, todo ele verde. E ao fundo, muito ao longe, tanto de um lado como de outro, uma fileira de árvores.

E eu dentro de água, andando, completamente nu, em direção... não sei a quê.

E ouço ainda o barulho da água do sonho e o ranger das pedrinhas.

Nunca houve nada em beleza que se comparasse a isto.

É que não era nada! Não ia com uma rapariga, estava sozinho ali.

## *SOBRE OS SONHOS*

O sonho é uma espécie de realidade virtual. A realidade virtual não foi inventada ontem, o homem das cavernas já sabia o que era a realidade virtual... porque sonhava.

Portanto não me venham cá com histórias... Ai! a realidade virtual! Ui!... Isso é tão velho como o mundo.

Estamos a viver no sonho coisas como se elas existissem — estão dentro da nossa cabeça simplesmente. É como se viajássemos para dentro da nossa cabeça e vivêssemos aquilo que está lá.

Antes, não lhe podíamos chamar realidade virtual, porque o conceito não existia. Chamávamos-lhe apenas sonho.

E a verdade é que nós dormimos mas o cérebro não dorme. Portanto dos dados da experiência, da consciência e do que pode recordar, o cérebro organiza histórias.

O cérebro não dorme, aliás, nada dorme. O coração tampouco dorme, o sangue flui. Todas essas células, tudo isso, a bicharada que está dentro de nós não para.

O sangue tem de chegar ao cérebro, a toda a parte, e lá tem os seus caminhos, as suas comportas, os seus diques, os seus canais de comunicação. É assim, pá...